

GT 6. Diversidades e Educação

Cultura política autoritária, socialização política juvenil e propensão ao extremismo

Rogério Martins Marlier (IFPR-UEL) ¹

Fabio Lanza (UEL) ²

Resumo. Este artigo discute a influência da cultura autoritária na juventude brasileira levantando questões para o debate da socialização política em plataformas online. O objetivo é destacar que a ascensão do autoritarismo de extrema-direita está relacionada com uma tradição cultural autoritária que se espelha nas várias agências de socialização juvenil, como a família, a escola e a internet. A internet, dessa forma, desempenha um papel crucial na formação da cultura juvenil e das identidades políticas. Por último observa-se que as desigualdades socioeconômicas, o desemprego e a disseminação de desinformação on-line contribuem para a vulnerabilidade dos jovens às ideologias extremistas.

Palavras-chave: Cultura Política; Juventudes; Extrema-Direita; Socialização Política; Subculturas juvenis

Abstract: This article discusses the influence of authoritarian culture on Brazilian youth, raising questions for the debate on political socialization on online platforms. The aim is to highlight that the rise of far-right authoritarianism is related to an authoritarian cultural tradition that is mirrored in the various agencies of youth socialization, such as the family, school and the internet. The internet therefore plays a crucial role in shaping youth culture and political identities. Finally, socio-economic inequalities, unemployment and the spread of online disinformation contribute to young people's vulnerability to extremist ideologies.

Keywords: Political Culture; Youth; Far-Right; Political Socialization; Youth Subcultures.

¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Mestre em Ciências Sociais (UEL), graduado em Ciências Sociais (UEL). Docente de Sociologia do Instituto Federal do Paraná do Campus Londrina. E-mail de contato: rogerio.marlier@ifpr.edu.br

² Doutor em Ciências Sociais (PUC-SP). Professor Associado do Departamento de Ciências Sociais, docente do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Londrina e do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (UFCE-UEL). Londrina/PR. E-mail de contato: lanza@uel.br

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

INTRODUÇÃO

A ascensão de movimentos de extrema-direita no mundo, a partir do século XXI gerou perplexidade pelas agendas antidemocráticas, autoritárias e que acentuaram preconceitos e atitudes violentas contra opositores e minorias. No Brasil, esse movimento se consolidou com a eleição de Bolsonaro em uma onda que elegeu governadores, deputados, senadores em 2018 e mesmo com a sua derrota na corrida presidencial em 2022, manteve-se forte com a consolidação do seu partido (PL) como a maior bancada da câmara federal. (ROCHA, SOLANO e MEDEIROS, 2021). Conseqüentemente, o que antes era entendido como um discurso violento, mas excêntrico contra as instituições, se transformou em agenda de governo, com a consolidação de legislações, decretos governamentais e comunicação de massa com grande engajamento nas redes sociais da internet e em protestos de rua. Com o discurso hegemônico nas redes sociais, Bolsonaro estimulou protestos por todo o país exigindo o fechamento do Congresso e do STF e a volta da ditadura militar.

O crescimento de movimentos de extrema-direita no Brasil e no mundo desde o início do século XXI, o uso das redes sociais na disseminação de “fake news”, os casos de corrupção, desenterraram discursos que haviam desaparecido do debate político desde a guerra fria. Não obstante, acusações como “comunista”, “socialista”, “conservador”, “reacionário”, “fascista”, entre outras, permanecem na boca dos indivíduos e são disseminados fortemente pelas redes sociais da internet. Paralelamente, a escola se tornou palco dessa guerra ideológica principalmente a partir do surgimento do “Movimento Escola Sem Partido”³ que protagonizou a formulação de projetos de lei que visam criminalizar a discussão política na escola, com a intenção de acabar com o que eles denominam de “doutrinação ideológica”.

Conseqüentemente, dificilmente os estudantes se situam fora desta discussão e não é raro que eles tenham questionamentos ao professor a respeito de

³ Recomenda-se a leitura do artigo “Escola sem Partido — elementos totalitários em uma democracia moderna: uma reflexão a partir de Arendt”, dos autores de GUILHERME, Alexandre Anselmo; PICOLI, Bruno Antônio, publicado na Revista Brasileira de Educação, vol. 23 de 2018, que examina detalhadamente a gênese e os elementos autoritários deste movimento.

suas convicções ideológicas ou afirmem, com ênfase, suas próprias ideias políticas. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é compreender as dinâmicas que envolvem a socialização política de jovens no Brasil, com o ressurgimento de movimentos de extrema-direita que questionam diretamente a legitimidade das instituições democráticas, inclusive a escola.

Serão analisados em primeiro lugar a definição e características do extremismo de direita e como ele pode ser conceituado e as relações entre os movimentos sociais, partidos políticos e subculturas autoritárias. Em seguida, será apresentada uma discussão sobre a cultura política e juventude com embasamento voltado para a socialização política e suas agências. Por último, será discutido a socialização online e os riscos de recrutamento de jovens para grupos de ódio que se expressam pela cultura da violência.

1. CONCEITUANDO O EXTREMISMO DE DIREITA

Kaltwasser (2023), indica que a extrema-direita surgiu na Europa nos anos 1980, como um movimento político que aos poucos foi tomando forma e se organizando em torno de partidos e movimentos sociais (KALTWASSER, 2023). Como existem diferentes definições sobre a extrema-direita, Kaltwasser aponta, como critério analítico, a comparação com a direita tradicional. Para tanto é necessário observar o pano de fundo ideológico que norteia esses movimentos políticos que é a discussão sobre a desigualdade social. Enquanto a direita tradicional se orienta pela caracterização da propriedade privada como um direito natural, o que favorece a percepção das desigualdades sociais e econômicas como naturais, a extrema-direita percebe as desigualdades sociais a partir de valores socioculturais. Logo, a agenda de costumes e valores tradicionais se sobrepõem à pauta econômica, gerando a noção de integração ou não de grupos sociais por obediência a critérios de gênero, raça, nação, sexualidade, entre outros (KALTWASSER, 2023, p. 2-3). Em outras palavras, as desigualdades sociais baseadas nesses critérios também são consideradas naturais e refletem uma visão de mundo rigorosamente hierarquizada, enquanto a direita tradicional não pensa assim e em alguns casos aceita as concepções multiculturais de sociedade. Melhor dizendo, “Isso é particularmente

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

perceptível na maneira como a extrema direita europeia expressa oposição ao multiculturalismo que beira a xenofobia, especialmente contra a população muçulmana” (KALTWASSER, 2023, p. 3).

Diante desse pano de fundo ideológico, Kaltwasser acrescenta os critérios do “posicionamento político” e da “postura de aceitação das regras democráticas”. A extrema-direita tem um posicionamento radical na defesa de suas pautas e um “desprezo pela democracia” que vai desde a independência dos tribunais ao desprezo pelo direito internacional e suas instituições, como a Organização das Nações Unidas (ONU), órgãos de defesa dos direitos humanos, União Europeia, entre outros. (KALTWASSER. 2023, p. 3). A direita tradicional, de maneira oposta, aceita o processo institucional democrático e difunde as suas ideias de maneira moderada. A direita tradicional, por seu tom moderado e por apoiar movimentos multiculturais também é alvo da extrema-direita, que se define como “a verdadeira direita” e luta para ser hegemônica. Ambos os lados têm partidos e movimentos políticos que se diferenciam dependendo do contexto nacional. Kaltwasser (2023) observa que a extrema-direita se divide em dois grupos na Europa, um formado por partidos com capacidade eleitoral, que é definido por ele como “direita radical populista” e outro com pouco peso eleitoral, mas com movimentos extremamente agressivos, denominado de extrema-direita (KALTWASSER. 2023, p. 3). Segundo o autor existe também a cooperação entre partidos de direita e de extrema-direita, na Europa esses acordos acabaram beneficiando mais o segundo grupo, gerando uma descaracterização para os partidos e grupos políticos de direita que normalizam as características radicais e autoritárias da extrema-direita (KALTWASSER, 2023, p. 3).

Partindo também da experiência europeia, Castelli Gattinara e Pirro (2018) relatam dois elementos comuns nos movimentos de extrema-direita: o nativismo como uma ideologia política nacionalista radical que rejeita tudo o que é estrangeiro, de imigrantes à ideologias multiculturais; e a prática política da hibridização de partidos, movimentos sociais e grupos subculturais. O primeiro aspecto traz institucionalidade para ideias racistas que deixam de lado o racismo biológico nazista para divulgar a ideia de "incompatibilidade baseada na diferença cultural" que está nas bases do etnopluralismo, isto quer dizer que, "De acordo com o etnopluralismo, a mistura de diferentes etnias levaria à extinção cultural do grupo

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

nativo" (CASTELLI GATTINARA, PIRRO, 2018, p. 02). Já o segundo atributo está na articulação estreita entre movimentos sociais e partidos políticos, o que gera redes de organização e mobilização, na qual pode ser observado nos protestos de rua, na violência autoritária cometida por pequenas organizações extremistas contra imigrantes e refugiados e também nas campanhas políticas com mobilização eleitoral. Portanto, Castelli Gattinara e Pirro (2018), ressaltam que a extrema-direita é um movimento político mais amplo composto não apenas por partidos políticos focados em eleições, mas também por movimentos sociais e redes de movimentos sociais, com o objetivo de mobilizar apoio público. Dessa forma, nesse jogo político existe uma heterogeneidade grande entre os atores da extrema-direita. De um lado existem os partidos políticos que disputam o jogo político com pretensões eleitoreiras e que precisa se apresentar num tom moderado, e por outro, os movimentos sociais e subculturas que agem muitas vezes de maneira violenta e são abertamente contra o sistema democrático. As redes de extrema-direita são definidas, portanto, como movimentos políticos antidemocráticos que entram em conflito direto com as instituições democráticas, enquanto que as redes de direita radical, estão no polo oposto, operando dentro das regras eleitorais, mantendo uma tensão interna com a democracia (CASTELLI GATTINARA, PIRRO, 2018, p. 04).

Por um caminho diferente Löwy (2015), entende que o movimento político da extrema-direita é fruto de uma continuidade histórica que remonta aos anos 1930 e a ascensão do nazifascismo, mesmo entendendo que existem nuances específicas no movimento atual. Primeiramente existe uma heterogeneidade grande na extrema-direita europeia, no qual são encontrados de partidos neonazistas à partidos que aceitam o jogo institucional. Porém, existem alguns aspectos compartilhados por esses movimentos,

O que eles têm em comum é o seu nacionalismo chauvinista — e, portanto, oposição à globalização “cosmopolita” e a qualquer forma de unidade europeia —, xenofobia, racismo, ódio a imigrantes e ciganos (o povo mais antigo do continente), islamofobia e anticomunismo. (LOWY, 2015, p. 653-654)

Para Löwy, fica clara a permanência do fascismo nesse movimento político, ele pondera que nem as autocracias fascistas da Europa dos anos 1930 eram tão racistas como a extrema-direita atual, visto que a xenofobia é um de seus

elementos centrais no continente europeu. Dessa forma, estudar a extrema-direita, para Löwy é se deparar com um fascismo multifacetado, que diverge em diferentes aspectos, como nas causas nacionais, mas mantém traços comuns. (LÖWY, 2015). Diante dessas diferenças e aproximações, Löwy distingue três tipos de partidos de extrema-direita, em primeiro os partidos claramente neofascistas/neonazistas, em segundo os partidos semi-fascistas e por último os partidos de extrema-direita. Os primeiros possuem ligações programáticas com o fascismo e nazismo clássico, os segundos possuem raízes históricas com o fascismo dos anos 1930, mas tentam tirar o peso da descendência e genealogia, modernizando suas diretrizes e, por último, os partidos ligados à terceira tipologia não tem uma origem fascista e nem programas abertamente fascistas, mas compartilham dos mesmos ideais como a xenofobia (LÖWY, 2015, p. 655).

Kaltwasser (2023), denota que a movimentação política de extrema-direita, que entre os anos 1980 e 1990 era uma realidade europeia, depois dos anos 2000 se transformou em uma conjuntura mundial. Com as eleições de Trump nos Estados Unidos em 2016 e de Bolsonaro em 2018 esse fenômeno começa a ficar mais claro. Na América Latina, o avanço da extrema-direita está correlacionado com o desgaste dos governos de esquerda que se tornaram hegemônicos no início dos anos 2000 devido à políticas redistributivas e discurso socioeconômico voltado para a intervenção do Estado no combate às desigualdades sociais. (KALTWASSER, 2023, p. 4. A extrema-direita ganhou terreno, em meados de 2010 por conta das crises econômicas associadas aos casos de corrupção dos governos progressistas da região e, principalmente, por sair do debate econômico e vincular suas demandas no campo sociocultural (KALTWASSER, 2023). Melhor dizendo, as pautas centradas na proibição do aborto e do casamento de pessoas do mesmo sexo, na eliminação das políticas de redistribuição de renda, contra cotas e ações afirmativas para populações negras, mulheres e povos originários e, principalmente, na luta contra os direitos humanos, estão nos temas desse debate sociocultural que teve o efeito de deslocar as direitas tradicionais e colocar frente à frente a extrema-direita com a esquerda pela disputa política eleitoral da região. Por conseguinte, o entendimento da naturalização das desigualdades sociais tem o intuito de manter o poder sobre os segmentos dominados nas relações estratificadas, dificultando a mobilidade social

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

ascendente dessas minorias. Para Kaltwasser, existe então, uma diferença entre a extrema-direita da América Latina e a da Europa,

No caso da América Latina, tudo sugere que a mudança no status quo das relações entre minorias e a maioria está diretamente ligada a questões de gênero e identidade sexual, enquanto na Europa a migração é muito mais relevante. (KALTWASSER, 2023, p. 05).

Em suma, para Kaltwasser, a ascensão da extrema-direita na América Latina se deve à três fatores: à articulação em redes internacionais, ligando movimentos sociais e partidos políticos da Europa e das Américas; à crise de representação dos partidos da direita tradicional, o que criou uma dificuldade de atrair atenção do eleitorado e abriu brechas para o posicionamento da extrema-direita; e por último, o esgotamento da hegemonia política da esquerda, devido à queda do preço das matérias-primas e principalmente pelos casos de corrupção (KALTWASSER, 2023).

No Brasil, esses movimentos têm pautado a política nacional, pelo menos desde 2013 (ROCHA, SOLANO e MEDEIROS, 2021), defendendo valores conservadores, liberalismo econômico extremo, racismo, misoginia e outros preconceitos estereotipados (SILVA, SCHURSTER, 2023; COHN, 2022, AVRITZER, RENNÓ, 2021; ROCHA, SOLANO e MEDEIROS, 2021). De certa forma, eles canalizaram os sentimentos que antes estavam difusos na cultura brasileira. (SILVA; SCHURSTER, 2023). O estudo desses movimentos tem destacado a heterogeneidade na organização, a formação de redes na internet, o financiamento e apoio intelectual de Think Tanks nacionais e internacionais e principalmente a permanência, visto que possuem lastros históricos e sociais enraizados na sociedade brasileira (ROCHA, SOLANO, MEDEIROS, 2021; BRANCOLI, 2024). O Bolsonarismo seria, dessa forma, um elo entre os diversos grupos que compõem a extrema direita e uma síntese dos aspectos mais conservadores, autoritários e preconceituosos da cultura nacional (AVRITZER, RENNÓ, 2021; RENNÓ, 2022; COHN, 2022; SILVA; SCHURSTER, 2023).

O fascismo enquanto movimento político pode ser identificado na história e em processos sociais. São grupos de pessoas que se articulam politicamente com a pretensão de serem a expressão da vontade popular e que

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

compreendem a ideia de povo em termos nacionalistas ou étnicos, se identificando, assim, contrários ao bloco no poder (FAUSTINO, 2023). Por outro lado, existe uma característica estrutural e subjetiva inscrita na dinâmica própria da sociedade moderna que reflete esses anseios autoritários, violentos e tradicionalistas. Esse aspecto estrutural gera condições de socialização que permitem a formação de uma personalidade que está ligada à adesão rígida a normas e valores convencionais, à forte crença na obediência à autoridade e uma tendência à agressividade para com os “outros”, isto é, aqueles que se distanciam dos seus grupos de referência. (GANDESHA, 2018, p. 02). Em certos momentos históricos essas características objetivas e subjetivas se acentuam e formam as condições políticas necessárias para a ascensão ao poder desses grupos políticos. A atual escalada de movimentos políticos de extrema-direita é um reflexo dessas tendências e se coloca como um desafio para as Ciências Sociais tentar compreender esse fenômeno multifacetado.

2. JUVENTUDES E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA

As crenças e valores dos cidadãos são importantes para um sistema político. Já numa democracia, esse processo se torna fundamental, pois as instituições públicas precisam de um certo grau de confiança para garantir o seu funcionamento, tendo em vista que esse sistema funciona a partir de uma crença na participação popular (GIMENES, 2014). Logo,

... uma democracia sem cidadãos democráticos está fadada ao fracasso (Almond e Verba, 1989; Diamond, 1994; Inglehart e Welzel, 2009). Estudos recentes confirmam não apenas a relevância da cultura democrática para a sobrevivência das democracias, como também avançam o entendimento sobre os mecanismos que levam a isso, sublinhando que o apoio público à democracia é capaz de deter líderes autoritários (Claassen, 2020; Graham e Svolik, 2020). (FBSP, 2022, p. 22)

É necessário que uma camada significativa dos agentes políticos tenha convicções nos méritos da democracia para que as alternativas autoritárias sejam rejeitadas inequivocamente. Porém, quando os próprios agentes políticos questionam as instituições, isso pode gerar uma crise de legitimidade generalizada que afeta todo o sistema, incluindo as instituições de ensino e as políticas educacionais. Segundo Baquero (2008), a cultura política de desconfiança no processo democrático está relacionada com as desigualdades sociais, ou seja, o

aumento da miséria e da pobreza produzem um imaginário de desconfiança na democracia, nas suas instituições e em seus representantes (BAQUERO, 2008). Os estudos de cultura e valores políticos historicamente evidenciam essa desconfiança que forma uma padrão estável e estrutural (AVRITZER, RENNÓ, 2021). A profunda desigualdade social é uma das principais causas desse fenômeno e gera uma sensação de desamparo e abandono sentidos pela população e em especial pela juventude (BAQUERO, 2016). Como consequência temos presenciado o aumento da descrença na democracia pela juventude, ao mesmo tempo em que existe também um aumento no engajamento político, como afirma Baquero,

Com o advento das novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC's), a desilusão das novas gerações com as instituições democráticas tem ficado explícita, uma vez que não as consideram canais de expressão de suas demandas. Assim, a juventude brasileira, em grande parte composta por “nativos digitais”, cada vez mais tem se utilizado dos recursos dessas tecnologias – a internet e suas redes sociais – para expor e arremeterem adeptos para suas causas. (BAQUERO; BAQUERO; MORAIS, 2016, p. 72).

No relatório “O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativas para a ação governamental” produzido pelo grupo de transição do governo Lula em dezembro de 2022, foi apontado o aumento de ataques violentos nas escolas brasileiras que somam ao todo 16 casos desde a primeira década do século XXI, sendo que 04 deles ocorreram em 2022 (GRUPO TEMÁTICO DE EDUCAÇÃO EQUIPE DE TRANSIÇÃO GOVERNAMENTAL, p. 03). Um traço comum desses ataques é a identidade política de extrema-direita, professada pela maioria dos autores, a outra é a forma virtual de organização com grupos em plataformas on-line que defendem as pautas de extrema-direita de maneira violenta. Estes grupos são influenciados por redes internacionais e os Estados Unidos é o país com maior incidência de ataques violentos contra as escolas. A violência gratuita e covarde presente nesses ataques, mostra um dos efeitos agudos da ascensão da extrema-direita no Brasil, que pode ser percebido na capacidade de engajamento de jovens em movimentos e subculturas nazifascistas. Portanto é importante observar a cultura política nos jovens para entender melhor esse processo e suas implicações.

Segundo Araújo (2016), a juventude pode ser entendida, de maneira formal, por dois indicadores de faixa etária, o da Organização das Nações Unidas

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e o da Organização Mundial da Saúde (OMS). Para a UNESCO a juventude se estabelece entre os 15 e 29 anos de idade, enquanto que para a OMS, ela está localizada entre os 15 e 24 anos de idade. No Brasil, o Estatuto da Juventude delimita a faixa etária seguindo os parâmetros da UNESCO, observando um processo de extensão temporal no reconhecimento das juventudes que está ligada aos aspectos culturais da sociedade contemporânea (GROPPO, 2017). Se por um lado, a juventude é entendida como uma categoria, por outro temos os jovens que são os sujeitos nela implicados (ARANTES e SILVA, 2018). A sociologia, por sua vez, não se apega apenas às definições das instâncias públicas, ela procura também observar a juventude pelos processos sociais que se formam nas transições etárias e afetam os jovens durante o curso da vida (GROPPO, 2017). A juventude pode então ser definida como um status intermediário entre a infância e a vida adulta, na qual os indivíduos possuem uma autonomia relativa diante da sociedade (GROPPO, 2017). Seguindo esse princípio, a juventude é uma categoria sociohistórica relacionada com o status que os indivíduos adquirem a partir de uma idade delimitada pelas regras e leis de uma sociedade, mas que ainda não possuem autonomia completa e vivem sobre certa dependência perante a família e demais instituições sociais. Conseqüentemente, ela é determinada por processos históricos, fruto das mudanças sociais da modernidade e da sociedade industrial e pode ser alterada pela dinâmica das relações sociais (PERALVA, 1997). Para Groppo (2017), a institucionalização e cronologização do curso da vida, é uma característica das sociedades modernas que procuram delimitar os marcadores de transição etária para que exista uma relação linear no atendimento dos indivíduos nas instituições públicas, ou seja,

Marcariam o ingresso na vida adulta dados os eventos mais ou menos simultâneos: o fim da escolaridade, a entrada no mundo do trabalho, o casamento, a vinda dos filhos e a formação de um lar próprio. Marcadores que subsistem, atualmente, mais como padrões de referência do que como práticas concretas possíveis ou desejadas para grande parte dos que vivem a condição juvenil (GROPPO, 2017, p. 14).

Todos esses eventos de transição constituem a forma encontrada nas sociedades para ressignificar as transformações biológicas e psicológicas dos indivíduos, por essa razão, Peralva (1997) ressalta que a juventude já foi conceituada

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

em outras sociedades, mas, o que diferencia a juventude moderna das sociedades antigas são as particularidades das relações sociais que envolvem os jovens e também a infância (PERALVA, 1997, p. 16). Dessa forma, mesmo tendo um padrão universal, baseado nas transformações biológicas e psicológicas, a juventude é socialmente referenciada gerando uma variedade de interpretações conforme os costumes de cada sociedade (DAYRELL, 2003).

O conceito de juventude pode ser constantemente redimensionado a partir de diversos fatores decorrentes da estratificação social, como, raça, classe social, gênero, religiosidade, entre outros. (ARAÚJO, 2016). Para Dayrell (2006), as juventudes que frequentam a escola pública pertencem, geralmente às classes mais baixas, formando um processo desigual, no entanto, as visões de mundo, angústias e dilemas sociais podem ser compartilhados por jovens pertencentes à outras camadas sociais (DAYRELL, 2006). Dessa forma, o termo juventude se apresenta com uma complexidade que o impede de ser tratado meramente como um elemento etário na construção das identidades sociais, ele, por outro lado, está associado a processos sociais e culturais que reforçam a sua condição e geram expectativas, entendimentos e ações sociais, formando visões de mundo (ARAÚJO, 2016; DAYRELL, 2006). A cultura política se manifesta pela crença em valores políticos expressos em uma determinada conjuntura, que forma o princípio do que se pode denominar de “opinião pública” (MORAIS; BAQUERO, 2015). Sendo assim, entender o processo pelo qual os jovens internalizam discursos políticos se torna crucial para o desenvolvimento dos estudos de cultura política (MORAIS; BAQUERO, 2015).

Na cultura política brasileira se construiu, ao invés de uma "memória democrática", importante para a estabilização do sistema democrático, uma "memória autoritária", com um sentimento de orgulho do uso da força, da violência e uma "nostalgia do autoritarismo", pela qual, a ditadura civil-militar no Brasil é vista com bons olhos e também projetada como modelo político para solucionar os problemas sociais

A cultura política é apreendida pelos indivíduos pela socialização política que ocorre durante todo o curso da vida. Comumente utilizada pela Ciência

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Política, a socialização é um conceito que ajuda a compreender o aprendizado de atitudes políticas (LIMA, 2023) e está fortemente orientada pela sociologia estrutural-funcionalista (GROPPO, 2017; LIMA, 2023; GONZÁLEZ, CHIODI, 2023). Nesse sentido, a socialização política acontece quando os jovens internalizam valores e comportamentos políticos instituídos por agências como a família, a religião e a escola (BAQUERO, BERNARDI e MORAIS, 2019; GONZÁLEZ, CHIODI, 2023). A formação de uma identidade política não é linear e pode ser modificada conforme a conjuntura política de cada sociedade, sendo por isso, um dos elementos importantes para a medir a estabilidade ou instabilidade de sistemas políticos (LIMA, 2023, BAQUERO, BERNARDI e MORAIS, 2019). A socialização também ocorre de maneira indireta pela observação e imitação de comportamentos de adultos, formadores de opinião, influenciadores de redes sociais, professores, religiosos, entre outros, e a forma como os sujeitos internalizam esses valores está relacionada à aspectos racionais e irracionais, como as emoções e sentimentos (BAQUERO, BERNARDI e MORAIS, 2019, p. 48). A socialização gera uma predisposição à ação e não propriamente uma atitude em si, elas podem ser transformadas conforme orientações, propaganda, convencimento e demais formas de comunicação vivenciadas pelos indivíduos.

É na adolescência que ocorre o processo de formação política e a consolidação de uma identidade com valores mais definidos (GONÇALVES e BAQUERO, 2018). A família, portanto terá o papel mais importante na formação de crenças políticas dos jovens, por isso, a posição que ocupam na relação de classes, a religiosidade que confessam e a visão de mundo que ensinam, são fundamentais para a formação da personalidade e da identidade política do jovem (LIMA, 2023). Dessa forma, a família é um operador das demais agências da sociedade sendo atravessada por processos estruturais e reprodutora das dinâmicas e tensões sociais. As desigualdades sociais são marcadores importantes nesse processo, impactando diretamente na forma como os jovens percebem a cultura política e evidenciam as diferenças entre famílias mais pobres e famílias mais ricas na percepção dos jovens quanto à política (LIMA, 2023; GONÇALVES e BAQUERO, 2018).

A formação das subjetividades dentro de uma cultura política, ocorre sobretudo, na escola, agência na qual as políticas de Estado interferem diretamente na formação dos indivíduos. Para Peralva (1997), o surgimento da escolarização, enfatizando a separação entre adultos e crianças, foi importante para a consolidação do Estado Moderno. Nessa separação, as crianças recebem uma educação personalizada, moldando os futuros papéis sociais, enquanto a interação entre a escolaridade e as ligações familiares evidencia a dupla natureza das experiências individuais. Com a escolarização proveniente do modelo burguês, ocorre também a divisão entre escola e mundo do trabalho, na qual crianças e adolescentes ficariam isoladas das dinâmicas das relações produtivas por um período, gerando assim um dos principais marcadores na elaboração da maioridade e menoridade institucional (PERALVA, 1997). Segundo Lima (2023), a educação tem uma papel fundamental para o Estado, influenciando na aquisição de valores cívicos como a participação política. As escolas servem como instituições socializadoras que impactam no engajamento político e na formação de uma personalidade cívica.

Se as escolas refletem diretamente os anseios de formação de valores políticos do Estado, as desigualdades estruturais de maneira similar influenciam a socialização e individuação dos jovens. Zorzi (2023), observou que estudantes de escolas particulares têm uma maior propensão ao apoio de atitudes democráticas do que estudantes de escolas públicas, na cidade de Porto Alegre, ou seja, as desigualdades escolares deslocam os jovens pela condição de classe oferecendo oportunidades que reproduzem as desigualdades sociais e influenciam a subjetividade política. O desemprego é um dos fatores econômicos que mais tem impacto nas famílias, o desemprego entre jovens é mais alto do que entre adultos e em situações de crise, essas dinâmicas se agravam,

Desse modo, na ocorrência de crises econômicas, são os estratos compostos pelos jovens que sentem a falta de oportunidades, incerteza em relação ao futuro e desilusão com o estado das coisas. Um dos principais problemas resulta da desigualdade social, assim como a distribuição de renda influi em todas as dimensões da estrutura social (por exemplo, em saúde e em educação). Tais disparidades podem ser verificadas entre os jovens, que possuem “circuitos de vida” diferentes de acordo com seus estratos sociais; plasmados em oportunidades diferentes entre as camadas sociais, afetam o tipo de cultura política que se estrutura no país (BAQUERO, BAQUERO, MORAIS, 2016, p. 74)

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Segundo os dados da Síntese de Indicadores Sociais do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística (IBGE) de 2022, mostram que 22,3% dos jovens, 10,9 milhões não estavam estudando e nem trabalhando nesse período, a maioria desse percentual é composta por mulheres que se declaram de cor ou raça pretas ou pardas (43,3%) e homens pretos ou pardos (24,3%). Por outro lado, 20,1% das mulheres que se declaram brancas e 11,4% dos homens brancos estavam nessa situação (IBGE, 2023). O desemprego e a desistência escolar, dessa forma, tem aumentado a permanência dos jovens nas suas famílias e quem mais sofre com essas condições são as famílias pobres.

As desigualdades estruturais somadas à permanente reprodução da cultura política autoritária, ajudam a explicar a desconfiança do brasileiro quanto à democracia e suas instituições (GONZÁLEZ, BAQUERO, GROHMANN, 2021). Entre os jovens essa desconfiança é medida pelo desinteresse pela política, que permanece alto desde os anos 1980 com média em torno de 60% (BAQUERO, BAQUERO, MORAIS, 2016, p. 85). Dados da pesquisa Nupesal de 2016 realizada nas três capitais dos estados da região sul do Brasil, (Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba) acrescentam que o amplo desinteresse está associado à desconfiança sobre informações políticas divulgadas pela internet, com valores acima de 50% em todas as cidades pesquisadas (BAQUERO, BAQUERO, MORAIS, 2016, p. 85). No entanto, no mesmo estudo, questionados sobre as motivações que os levam a utilizar a internet, os jovens, revelaram que a experiência virtual é majoritariamente dedicada ao entretenimento, em detrimento da informação, e que os jovens de classes mais pobres tendem a utilizar a internet mais para o entretenimento que os jovens de classes médias e altas. Mesmo sendo alto o uso dedicado para entretenimento em todas as classes pesquisadas, é possível identificar a correlação entre rendas mais altas com o aumento da utilização da internet como fonte de informação (BAQUERO, BAQUERO, MORAIS, 2016, p. 87-88). Os autores sugerem, com os resultados dessa pesquisa, que a influência da família e da escola ainda estão presentes na formação política dos jovens e o uso da internet se mostra com efeitos menos aparentes que induzem baixa expectativa de participação política, mantendo os padrões culturais tradicionais com baixa assertividade (BAQUERO, BAQUERO, MORAIS, 2016).

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Em outra pesquisa realizada pelo mesmo grupo, a partir de entrevistas em profundidade, foi constatada a influência da internet na intolerância política sendo percebida pelos jovens como instrumento de discursos violentos, ódio e impunidade (MORAIS e BAQUERO, 2018). Os autores salientam que a tolerância ou intolerância política é perceptível em qualquer sociedade, o que a internet faz é possibilitar o aumento da polarização política e do acirramento de opiniões, dificultando a formação de uma cultura democrática e aumentando a probabilidade de opiniões e comportamentos autoritários.

2.1 Socialização online e subculturas de extrema-direita

A internet se coloca, portanto, como uma importante agência socializadora, visto que a conexão online incorpora quase que a totalidade de uma faixa importante da juventude. Segundo o relatório "TIC Kids Online Brasil 2023" do Comitê Gestor de Internet no Brasil (CGI.br), atualmente 25 milhões de jovens com idades entre 9 e 17 anos se conectam regularmente à internet, caracterizando 95% da população nessa faixa etária. O celular é o dispositivo mais utilizado para a conexão com 97%, em segundo vem a televisão com 70% dos usuários jovens e em seguida os computadores com 38%. 20% das crianças e adolescentes utilizam apenas o celular como ferramenta de conexão. A desigualdade de renda acompanha esses números mostrando que as classes D e E têm o menor percentual de uso do computador (15%), o menor uso de TV (54%) e o celular é o único dispositivo de acesso à rede para 38% desses jovens. Os dados revelam a centralidade do uso do celular como principal meio de interconexão e mostram também as desigualdades socioeconômicas que permeiam esse cenário. O fato de que 95% dos jovens estão regularmente conectados à internet é um indicativo claro de uma penetração grande das tecnologias digitais, beirando a universalização dessa faixa etária. A internet não é mais apenas um recurso complementar, mas um componente central da vida cotidiana dos jovens, influenciando desde o entretenimento até a educação e as interações sociais. Porém, o fato de que 20% dos jovens utilizam apenas o celular para se conectar à rede, aponta para as desigualdades socioeconômicas que implicam na qualidade da conectividade, limitando assim, a possibilidade de utilização

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

de ferramentas mais potentes como o computador, que são indispensáveis para tarefas produtivas ligadas ao trabalho e à educação.

A digitalização das experiências vividas dos jovens é constatada por Reis e Dayrell (2020), que numa compreensão mais ampla da socialização online, salientam que o ciberespaço se tornou uma “matriz cultural”, um espaço de conexão, pela qual se manifestam todas as outras agências de socialização. A imersão na internet não provoca um rompimento com a realidade offline, mas sim possibilita a interconexão das relações sociais num processo fluido entre mundo online e offline (REIS e DAYRELL, 2020). O nascimento numa sociedade digitalizada, insere a criança num processo amplo de individuação mediada pela lógica das redes. A experiência vivida é ressignificada pela interconectividade permanente, isto é, as relações sociais que ocorriam em momentos específicos, como a vivência na escola, as reuniões em família ou entre amigos, ocorrem simultaneamente nas redes sociais com a comunicação em tempo real. Existe assim, uma dualidade entre o mundo real e virtual que não permite que eles sejam observados em separado (REIS e DAYRELL, 2020).

Além dessa experiência dialética entre real e virtual, esse processo gera a autossocialização, ou seja, os indivíduos se relacionam com menos regras e tabus do que na vida real (GONÇALVES e BAQUERO, 2019, p. 83). Assim, os jovens se tornam mais independentes assumindo o controle de sua socialização e desvirtuando o papel dependente que possuem na relação com a família e com as outras agências de socialização, como a escola (GONÇALVES e BAQUERO, 2019). Dessa forma, jovens que estão em processo de amadurecimento e de consolidação do caráter, podem sofrer uma influência decisiva na sua individuação e formação da identidade, inclusive política.

A pesquisa "TIC Kids Online Brasil 2023" revela que 76% dos entrevistados acredita ter capacidade cognitiva suficiente para buscar informações, e escolher as palavras corretas nas pesquisas online, 58% afirmam ter habilidade para identificar a veracidade das informações e 40% acreditam que o primeiro resultado de uma pesquisa na internet é sempre a melhor fonte de informação. Isso evidencia

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

que apesar de existir uma confiança dos jovens com suas habilidades informacionais, quase metade da população entrevistada sente dificuldade em averiguar a veracidade das informações e, adicionalmente, a tendência de confiar no primeiro resultado pode levar à adoção de informações enviesadas e falsas e dificulta o uso crítico da rede. Com a abundância de desinformação, fakenews e teorias conspiratórias, existe uma probabilidade grande de que os jovens fiquem mais vulneráveis às técnicas de convencimento de subculturas autoritárias e propagandas de extrema-direita.

Para Gonçalves e Baquero (2019), a adolescência é o momento de questionamento, na qual os jovens começam a perceber as regras à sua volta e tensioná-las e, por outro lado é uma fase de descobertas, nas quais as experiências em grupos de amigos será impactante no desenvolvimento da identidade. É pela pressão do grupo que ocorrem as mudanças de comportamento dos jovens, pois, na ânsia de obterem o “respeito dos pares”, eles assimilam novas regras e padrões de comportamento e moldam a identidade pela expectativa de aceitação, em outras palavras,

A influência dos pares pode ser positiva ou negativa. A influência dos pares envolve diferentes esferas da vida do jovem: eles controlam o que o jovem veste, a cultura que consome e o que compra. As normas sociais estabelecidas pelos seus pares direcionam suas escolhas a respeito do que valoriza e do que escolhe na vida. (GONÇALVES e BAQUERO, 2019, p. 85)

Essa influência é acentuada pelo espaço virtual, por causa da imersão online e da comunicação permanente com os grupos de amigos. Os jovens, assim, podem assumir riscos, influenciados pelas amizades, para obter recompensas imediatas e novas experiências (GONÇALVES e BAQUERO, 2019). Conseqüentemente, num ambiente na qual as regras e controles parentais e estatais estão suspensas, os jovens ficam predispostos a consolidar uma identidade autoritária, tanto pelo reforço cultural da exposição à uma cultura não acostumada com a memória democrática, como pela exposição à divulgação massiva de informações e a possibilidade de se relacionar com grupos de ódio radicalmente inclinados à violência.

No relatório “O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil” é observado que os grupos de ódio de extrema-direita se organizam pela

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

internet e são formados majoritariamente por jovens. Esses grupos são responsáveis por influenciar jovens na prática de ataques violentos, tendo alvo, minorias, mulheres, negros e em especial, as escola (GRUPO TEMÁTICO DE EDUCAÇÃO EQUIPE DE TRANSIÇÃO GOVERNAMENTAL, 2022). Esses grupos se caracterizam por serem minoritários dentro do movimento amplo que caracteriza a extrema-direita, formando assim, subculturas que sobrevivem anonimamente em fóruns na internet e divulgam suas ideias em diferentes plataformas digitais (CASTELLI GATTINARA, PIRRO, 2018). O perfil dos jovens que participam desses grupos é formado predominantemente por homens, brancos e heterossexuais. Dessa forma, tanto o racismo como a misoginia formam a base ideológica desses movimentos (GRUPO TEMÁTICO DE EDUCAÇÃO EQUIPE DE TRANSIÇÃO GOVERNAMENTAL, 2022). Como esses grupos de ódio vivem no submundo das redes, eles utilizam estratégias amplas de divulgação e recrutamento, atingindo as redes sociais e principalmente as comunidades gamers. Os métodos variam pelo uso do humor, a estética da violência, a memética baseada na Trollagem e os jogos online. Os principais exemplos desses grupos são os “incels” (celibatários involuntários) e os supremacistas brancos. Na Europa o nativismo forma uma das principais bases ideológicas da extrema-direita, gerando as bases para a xenofobia moderna e os ataques contra imigrantes e refugiados (CASTELLI GATTINARA, PIRRO, 2018). Com essas técnicas propaganda e convencimento, esses grupos têm conquistado espaço no mundo todo, sendo assim,

Nessa perspectiva, o crescente uso das comunidades de “gamers” e dos chats de conversa em “games” têm funcionado como mecanismo de “sedução” de jovens de todo mundo, a fim de angariar simpatia a ideias de extremismo de direita, de forma ainda mais intensificada durante o período da pandemia da Covid-19. Quando a simpatia é manifestada nesses “chats” públicos, há um convite para a migração para espaços de mensageria, tais como o Telegram e o WhatsApp. (GRUPO TEMÁTICO DE EDUCAÇÃO EQUIPE DE TRANSIÇÃO GOVERNAMENTAL, 2022, p. 18).

As subculturas de extrema-direita se autodenominam “anti-sistema”, pois afirmam rejeitar os valores do que consideram como cultura dominante, característica que é geralmente direcionada para o inimigo comum (O’MALLEY, HOLT e HOLT, 2020). Dessa forma, as mulheres, os imigrantes, a população negra, e outras minorias, são entendidas como culturas dominantes que fazem parte do

sistema, o sistema de valores é formado assim pela disputa por poder, que consideram escasso. Os jovens percebem no anonimato dos fóruns online, a sensação de segurança e liberdade para expressar preconceitos de maneira mais visceral, sem contudo, serem incomodados pelas regras e pela rejeição social que sofreriam em espaços offline (O'MALLEY, HOLT e HOLT, 2020). A forma como os fóruns funcionam, com histórico de postagens em assuntos determinados, induz a uma relação inicialmente impessoal, com a leitura do histórico de postagens como princípio modulador da sensação de pertencimento. O processo ocorre como uma escada, na qual os jovens sobem degrau por degrau do extremismo. No primeiro degrau existe a percepção de ser injustiçado pelo “sistema”, no próximo degrau correm as ações contra o inimigo que são compartilhadas no grupo como demonstração de força e superioridade, quanto mais as ações são extremadas e potencialmente violentas, mais os membros se inserem na rede (O'MALLEY, HOLT e HOLT, 2020, p. 5-6). Portanto, a socialização política em ambientes online, ao mesmo tempo que possibilita um espaço de autossocialização e compartilhamento de experiências entre os jovens, por outro lado, assegura um espaço favorável para a disseminação da cultura autoritária e violenta de extrema-direita. Se observa assim, a necessidade de compreender melhor esses fenômenos à luz da cultura política brasileira, o que pode ser um indicador de aumento da potencialidade de adesão ao extremismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conturbada história política brasileira, não permitiu a consolidação de valores democráticos, mas sim, fortaleceu princípios autoritários que refletem na persistente desconfiança que a população jovem sente sobre as instituições civis. Dessa forma, a falta de uma tradição democrática e de uma cultura participativa, gera desafios para a generalização de valores tolerantes e inclusivos. O ressurgimento de movimentos políticos da direita extremista e autocrática, que luta para alcançar a hegemonia política e cultural no país, fortalece ainda mais o discurso antidemocrático já predominante numa população ressentida.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Conseqüentemente, a cultura juvenil no Brasil está profundamente entrelaçada com esses processos, refletindo as tensões estruturais. A socialização política reflete a internalização de valores culturais disseminados pelas agências de socialização, como a família, a religião e a escola. O mundo online surge desempenhando um papel significativo na formação das identidades políticas dos jovens, ao mesmo tempo que se relaciona imbricado nas relações off-line das instituições de sociabilidade, ele constrói novas formas de comunicação e de relacionamentos que extravasam os controles tradicionais. Sendo assim, com subculturas de ideologias de extrema direita encontrando um terreno fértil para recrutamento e radicalização na internet e disseminando seus conteúdos, a autossocialização online se torna um processo de conformação de valores preconceituosos e intolerantes. Portanto, ao compreender os mecanismos pelos quais as crenças autoritárias são internalizadas e perpetuadas entre jovens, é importante para enfrentar o desafio de formar uma cultura democrática tolerante em todas as agências socializadoras, principalmente a escola.

REFERÊNCIAS

ARANTES e SILVA, Fernanda. *Coletivos juvenis e transição para vida adulta: desafios vividos por jovens da cidade de São Paulo*. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

ARAUJO, Angélica Lyra de. **As percepções dos jovens estudantes de Londrina/PR sobre política**. 2016. 151 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) — Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2016.

AVRITZER, Leonardo; RENNÓ, Lucio. The Pandemic and the Crisis of Democracy in Brazil . *Journal of Politics in Latin America*, v. 13, n. 3, p. 442-457, 2021.
Disponível em: <https://journals.sagepub.com/home/pla>. Acesso em: 28 jun. 2024.

BAQUERO, Marcello; BAQUERO, Rute Vivian Angelo; MORAIS, Jennifer Azambuja de. Os jovens estão mais assertivos politicamente no Brasil? Uma análise da cultura política. *Revista Debates*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 71-94, maio/ago. 2016.

BAQUERO, Marcello; BERNARDI, Ana Julia Bonzanini; MORAIS, Jennifer Azambuja de. Padrões emergentes de uma cultura política juvenil no sul do Brasil. **E-legis**, Brasília, n. 28, p. 42-63, jan./abr. 2019.

BURN-MURDOCH, John. **A new global gender divide is emerging**. Financial Times, 26 jan. 2024. Disponível em: <https://www.ft.com/content/29fd9b5c-2f35-41bf-9d4c-994db4e12998>. Acesso em: 19 jul. 2024.

CAMPBELL, R.; MAY, G.; DUFFY, B.; SKINNER, G.; GOTTFRIED, G.; HEWLETT, K. (2024). **Emerging tensions?** How younger generations are dividing on masculinity and gender equality. Relatório de Pesquisa. London, King's College, 2024. DOI: <https://doi.org/10.18742/pub01-167>.

CASTELLI GATTINARA, Pietro; PIRRO, Andrea L. P. The far right as social movement. **European Societies**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 1-31, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14616696.2018.1494301>. Acesso em: 10 maio 2024.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (CGI.br). TIC Kids Online Brasil 2023: **Crianças estão se conectando à Internet mais cedo no país**. 18 jul. 2023. Disponível em: <https://cqi.br/noticia/releases/tic-kids-online-brasil-2023-criancas-estao-se-conectando-a-internet-mais-cedo-no-pais/>. Acesso em: 5 ago. 2024.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, v. 24, p. 40-60, set./out./nov./dez. 2003. Disponível em: [link para o artigo se houver]. Acesso em: 09 ago. 2024.

_____. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Revista Educação e Sociedade**, nº 28, 100, out., 2007

GONÇALVES, Maria Augusta Salin Gonçalves; BAQUERO, Rute. O contexto social da internet no processo de socialização juvenil. In: BAQUERO, Marcello (org.). **A juventude e os desafios da construção da democracia no Brasil**. Editora Escritos: Porto Alegre, 2018.

GONZÁLEZ, Rodrigo Stumpf; BAQUERO, Marcello; GROHMANN, Luis Gustavo Mello. Nova direita ou vinho velho em odres novos? A trajetória conservadora no Brasil do último século. **Revista Debates**, v. 15, n. 2, p. 9-44, 2021.

GONZÁLEZ, Rodrigo Stumpf; CHIODI, Alexsander Dugno. Socialização e trauma: efeitos da pandemia sobre opiniões e atitudes de jovens de Curitiba. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 25-49, mai.-ago. 2023. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-5269.134069>.

GROPPO, Luís Antônio. **Introdução à Sociologia da Juventude**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

GRUPO TEMÁTICO DE EDUCAÇÃO EQUIPE DE TRANSIÇÃO GOVERNAMENTAL. Relatório: **O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativas para a ação governamental.** Brasília, 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Um em cada cinco brasileiros com 15 a 29 anos não estudava e nem estava ocupado em 2022.** Agência de Notícias IBGE, 02 ago. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38542-um-em-cada-cinco-brasileiros-com-15-a-29-anos-nao-estudava-e-nem-estava-ocupado-em-2022>. Acesso em: 05 ago. 2024.

LIMA, Caroline Oliveira Neves de. **Socialização política juvenil e adesão a valores antidemocráticos em tempos de pandemia.** 2023. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MORAIS, Jennifer Azambuja de; BAQUERO, Marcello. A internet e a (des) politização dos jovens brasileiros. **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, n. 25, p. 33-62, 2018a.

MORAIS, Jennifer Azambuja de; BAQUERO, Marcello. Emergência e institucionalização da intolerância política como valor político numa cultura híbrida. In: BAQUERO, Marcello (org.). **A juventude e os desafios da construção da democracia no Brasil.** Editora Escritos: Porto Alegre, 2018b.

O'MALLEY, Roberta Liggett; HOLT, Karen; HOLT, Thomas J. An exploration of the involuntary celibate (Incel) subculture online. **Journal of Interpersonal Violence**, p. 1-28, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/home/jiv>. Acesso em: 9 maio de 2024. DOI: 10.1177/0886260520959625.

PERALVA, Angelina Teixeira. O jovem como modelo cultural. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 05-06, p. 15-24, dez. 1997. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24781997000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 06 ago. 2023.

REIS, Juliana Batista dos; DAYRELL, Juarez. Experiências juvenis contemporâneas: reflexões teóricas e metodológicas sobre socialização e individualização. **Educação. Santa Maria**, v. 45, 2020. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64442020000100261&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 ago. 2024. Epub 23-Ago-2023. <https://doi.org/10.5902/1984644439944>.

RENNÓ, Lucio. Bolsonarismo e as eleições de 2022. **Estudos Avançados**, São Paulo, vol.36, nº 106, p. 147-163, Set-Out, 2022.

ZORZI, Felipe Bortoncello. **Cidadania Desigual**: socialização política comparada em escolas públicas e privadas de Porto Alegre/RS. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2016.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná